
Modos de escrever histórias

América Latina, Sul Global e outras tradições geográficas

Rafael Augusto Andrade Gomes



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabilis/5583>

DOI: 10.4000/terrabilis.5583

ISSN: 2316-7793

Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Refêrencia eletrónica

Rafael Augusto Andrade Gomes, « Modos de escrever histórias », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 12 | 2019, posto online no dia 29 dezembro 2019, consultado o 24 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/terrabilis/5583> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/terrabilis.5583>

Este documento foi criado de forma automática no dia 24 setembro 2020.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Modos de escrever histórias

América Latina, Sul Global e outras tradições geográficas

Rafael Augusto Andrade Gomes

Por isso repito que não devemos temer e que devemos pensar que nosso patrimônio é o universo; ensaiar todos os temas, e não podemos nos prender ao argentino para sermos argentinos: porque ou ser argentino é uma fatalidade e, nesse caso, o seremos de qualquer modo; ou ser argentino é uma mera afetação, uma máscara. (Borges, 1957: 162)

- 1 Depois de se firmarem em seus respectivos postos de atuação durante o ano de 2019, os editores da nova estrutura organizativa da *Terra Brasilis*, cuja descrição pormenorizada pode ser encontrada no editorial da *Terra Brasilis* 11 (Gomes, 2019), trazem ao público mais um número da revista. A *Terra Brasilis* 12 chega às telas num momento particularmente frutuoso do ano, pois, graças a dois eventos científicos – o Colóquio Brasileiro de Geografia Histórica e o XIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ENANPEGE) –, não faltaram oportunidades para os pesquisadores em história da geografia e geografia histórica apresentarem as reflexões gestadas em seu campo de investigação.
- 2 O Colóquio Brasileiro de Geografia Histórica, coordenado pelos professores Glauco Bruce Rodrigues e Marcelo Werner da Silva, ambos do Departamento de Geografia da Universidade Federal Fluminense (UFF), aconteceu entre os dias 25 e 27 de março de 2019 no campus da UFF em Campos dos Goytacazes, município do norte fluminense. Antes, porém, de realizar esse evento, declaradamente inspirado nos moldes do Colóquio Brasileiro de História do Pensamento Geográfico, realizado em Uberlândia sob os auspícios de Rita de Cássia Martins de Souza, Marcelo Werner da Silva dedicou-se à consolidação do *Grupo de Estudos e Pesquisas de Geografia Histórica* (GEOHISTÓRICA). Desde 2010, como desdobramento de uma ação de extensão intitulada “Introdução à Geografia Histórica”, que fora realizada no então nascente curso de graduação em geografia da

UFF de Campos dos Goytacazes,¹ o GEOHISTÓRICA² tem sido um valioso núcleo formativo de pesquisadores em geografia histórica no Brasil.

- 3 A ideia de associar o dossiê “Geografia Histórica em questão” aos trabalhos apresentados no Colóquio Brasileiro de Geografia Histórica foi apresentada por Marcelo Werner da Silva, em dezembro de 2018, durante o V Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico e III Encontro Nacional de Geografia Histórica (V ENHPG e III ENGH), realizado na Universidade Federal de Viçosa (UFV). Àquela altura, quando da exposição feita por Sergio Nunes sobre a nova estrutura editorial da *Terra Brasilis* na plenária da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica (*Rede Brasilis*), os contornos do Colóquio Brasileiro de Geografia Histórica já estavam definidos. Eis que ganha vida, no dossiê do presente número, a proposta anunciada por Marcelo Werner da Silva há praticamente um ano. Com exceção do texto de apresentação, redigido pelos editores convidados da *Terra Brasilis* 12, Marcelo Werner da Silva e Glauco Bruce Rodrigues, o dossiê “Geografia Histórica em questão” é composto por sete textos de pesquisadores em geografia histórica de instituições universitárias espalhadas por todo o Brasil.
- 4 Do Colóquio Brasileiro de Geografia Histórica realizado na UFF de Campos dos Goytacazes, em março de 2019, passemos ao mês de setembro, em São Paulo, no mesmo ano. Entre os dias 02 e 06 de setembro, nas dependências da Universidade de São Paulo (USP), a Associação Nacional de Pós-Graduação em Geografia (ANPEGE) coordenou a realização do XIII ENANPEGE, cuja temática era “A Geografia Brasileira na Ciência-Mundo: produção, circulação e apropriação do conhecimento”. Uma das mesas do evento, intitulada “O Lugar da Geografia Brasileira na Ciência-Mundo”, com exceção do coordenador (Élvio Rodrigues Martins), foi composta integralmente por membros ou colaboradores ativos da *Rede Brasilis*: André Reyes Novaes (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), Perla Zusman (*Universidad de Buenos Aires*) e Rita de Cássia Martins de Souza (Universidade Federal de Uberlândia). Observe-se, em adição, a continuidade dos já recorrentes grupos de trabalho em “História da Geografia” e “Geografia Histórica”, ambos com aproximadamente 25 trabalhos apresentados.³
- 5 Excetuando-se os comentários de apoio, elaborados pelos editores ou colaboradores do número, a *Terra Brasilis* 12 apresenta aos seus leitores 16 contribuições, dispostas da seguinte maneira entre as seções da revista: 1) dossiê temático (sete textos); 2) artigos (seis textos); 3) documentos, mapas e imagens (um texto); 4) clássicos e textos de referência (um texto); 5) resenha (um texto). Como já tem sido de praxe na *Terra Brasilis*, o texto da seção “Clássicos e textos de referência” virá acompanhado de um panorama biobibliográfico do autor, no caso das republicações, ou de um comentário panorâmico sobre o texto, no caso das traduções. Ao contrário dos dossiês constantes nos dois números anteriores, ambos organizados por membros fixos do corpo editorial da revista, coube aos editores convidados a responsabilidade de apresentar a orientação geral e as contribuições individuais do dossiê temático da *Terra Brasilis* 12. Por outro lado, sem a pretensão de apresentar teses ou hipóteses aprofundadas, propomo-nos a assumir a tarefa [quase demiúrgica] de ordenar, numa síntese mais ou menos coerente, contribuições esparsas recolhidas no regime de “fluxo contínuo” da *Terra Brasilis*. Começamos tal intento no século XIX.
- 6 Em sua crítica *Notícia da atual literatura brasileira*, Machado de Assis (1839-1908) discute o “instinto de nacionalidade” que se estendia, à época, do romance e da poesia a outras formas literárias de expressão artística, como o teatro. Na abertura deste pequeno

texto, publicado no jornal *O Novo Mundo* nos anos iniciais da década de 1870, o *Bruxo do Cosme Velho* ressalta que “todas as formas literárias do pensamento buscam vestir-se com as cores do país [cor local]” (Assis, 2013 [1873]: 429). Praticamente um século e meio depois da referida publicação de Machado de Assis, deparamo-nos com textos, escritos por literatos ou não, vestidos pelas mais diversas cores ao longo dos anos. Como se poderia interpretar tal afirmação de Machado de Assis num campo específico de conhecimento como a ciência geográfica? Permita-me o leitor elaborar um pequeno exemplo para ilustrar e, em certo sentido, justificar a transposição do diagnóstico de um escritor brasileiro do século XIX para o ano de 2019.

- 7 Começamos tal exemplo com uma impressão particular do XIII ENANPEGE. Ao longo do evento, nas intervenções de palestrantes ou da plateia, frequentemente ouvíamos expressões alusivas à unidade e homogeneidade da América Latina: “patrimônio territorial latino-americano”, “realidade latino-americana”, “cidades latino-americanas”, “consciência latino-americana”, entre outras diversas.⁴ Em contraste com a interpretação de Machado de Assis (2013 [1873]), e por razões que extrapolam em demasia a matéria deste editorial, “as cores do país” parecem, ao menos na ciência geográfica, ter sido trocadas por outras cores. As cores da América Latina, a *pátria grande* (Ribeiro, 1986), substituem o *verde e amarelo*. Assim como na literatura, objeto de interpretação de Machado de Assis (2013 [1873]), é natural que a geografia, gestada no Brasil e em outros países latino-americanos como desdobramento da cultura científica europeia, inspire seus praticantes “a enfrentar a questão identitária, a se debater entre as instâncias do Mesmo e do Outro” (Perrone-Moisés, 1997: 245).
- 8 Hoje, assim como em outros momentos da história científica [e artística] do Brasil, desponta entre os geógrafos um “instinto de nacionalidade”, referente não mais à nação brasileira, como na situação descrita por Machado de Assis (2013 [1873]) no século XIX, mas à suposta “nação” latino-americana. Ao analisar a literatura da segunda metade do século XIX, sobretudo a produção romanesca e poética, Machado de Assis (2013 [1873]) atesta “o geral desejo de criar uma literatura mais independente” (p. 430), ou seja, uma *literatura brasileira* – nas palavras do autor, uma *nacionalidade literária*. No entanto, mesmo reconhecendo o valor estético e a originalidade das obras literárias dos autores brasileiros àquela época, o criador de *Dom Casmurro* não poupa críticas aos escritores que, no afã de atribuir uma *cor local* e *nacional* aos seus trabalhos, essencializavam determinados traços da cultura, história e território brasileiros. Especificamente sobre a literatura *indigenista*, conclui Machado de Assis (2013 [1873]: 431): “Compreendendo que não está na vida indiana todo o patrimônio da literatura brasileira, mas apenas um legado, tão brasileiro como universal, não se limitam os nossos escritores a essa só fonte de inspiração”.
- 9 Se concordarmos com Machado de Assis (2013 [1873]), o espírito nacional, seja ele o *brasileiro* ou o *latino-americano*, não é caracterizado por tratar “de assunto local, doutrina que, a ser exata, limitaria os cabedais da nossa literatura” (p. 432). Segundo o autor, não há dúvida de que a atividade literária nascente, sobretudo aquela que busca se tornar independente, deve “alimentar-se dos assuntos que lhe oferece a sua região; mas não estabeleçamos doutrinas tão absolutas que a empobreçam” (Assis, 2013 [1873]: 432). Quase 85 anos mais tarde, o literato Jorge Luis Borges (1899-1986), num pequeno ensaio em que discute *o problema do escritor argentino e a tradição*, chega a conclusões semelhantes às de Machado de Assis (2013 [1873]). Para Borges (1957), os nacionalistas se encontram em um paradoxo, pois, ao mesmo tempo em que veneram as capacidades

da mente e criatividade argentinas, desejam limitá-la a “alguns pobres temas locais, como se [os] argentinos [pudessem] somente falar de *orillas*⁵ e *estancias*⁶ e não do universo” (p. 158).

- 10 De acordo com Machado de Assis (2013 [1873]) e Borges (1957), a pretensão universal da literatura entra em choque com o tratamento de temas provincianos – característico do nacionalismo literário descrito pelos dois autores. Em outras palavras, “a busca de uma essência nacional, visando a conquistar um lugar honroso no conjunto das nações, esbarra sempre no paradoxo de reforçar o localismo e o provincianismo, embora o objetivo maior seja o de provar o valor universal dessa particularidade” (Perrone-Moisés, 1997: 249). O que quer que seja distintivo de uma nacionalidade literária, para Machado de Assis (2013 [1873]) e Borges (1957), certamente não é definido pela temática da obra: “Acredito que Shakespeare teria se assombrado se houvessem pretendido limitá-lo a temas ingleses, e se lhe houvessem dito que, como inglês, não tinha o direito de escrever *Hamlet*, de temática escandinava, ou *Macbeth*, de temática escocesa” (Borges, 1957: 156). Se não são os temas das obras, qual é, então, o conteúdo que dá substância à cor local das produções artísticas e, em nosso caso específico, científicas? Em outras palavras, o que se quer dizer quando os adjetivos *brasileira*, *argentina* ou *latino-americana* são atribuídos a uma produção literária e científica?
- 11 No texto de abertura da seção de artigos gerais deste número da *Terra Brasilis*, Nelsa Grimoldi, a partir dos mapas presentes em mais de uma centena de cartazes de eventos políticos e acadêmicos coletados entre 2008 e 2013 na cidade argentina de La Plata (principalmente na *Universidad Nacional de La Plata*), dedica-se à análise da formação ideológica e identitária *latino-americana* através de construções visuais. Na avaliação de Grimoldi, com frequência, o apelo à identidade latino-americana é acompanhado por alguma forma cartográfica de expressão das características inerentes à região. “Quais são as estratégias e linguagens visuais que mobilizam o sentido comum geográfico em torno do que seria a identidade da América Latina?”, questiona Grimoldi. Cabe ainda observar que a autora, amparada na noção de *metáfora cartográfica* (Lois, 2015, 2019), identifica um elenco estável de elementos iconográficos associados às ideias e pensamentos que projetam imagens da América Latina nos cartazes de seu *corpus documental*: 1) punho, mãos e raízes; 2) rostos e vestimentas; 3) história e heróis; 4) as bandeiras; 5) as palavras; 6) a oposição norte-sul; 7) unidade da América Latina; 8) potencialidades da América Latina.
- 12 O mapa, cuja capacidade de tornar visíveis relações espaciais é aguda (Lois 2015, 2019; Gomes, 2017), constitui-se como um dispositivo para a projeção de utopias latino-americanas. Com o perdão da cacofonia, assim como descreveu Grimoldi, a América Latina *projetada* nos cartazes é antes um *projeto imaginado* do que uma realidade autoevidente. Reconhecido tal “instinto de nacionalidade”, identificado não apenas nos cartazes analisados por Grimoldi e no discurso acalorado dos participantes do XIII ENANPEGE, mas também em textos geográficos dos últimos anos (Arroyo, 2005; Lemos, 2018), convém examiná-lo como mais uma resposta à histórica busca das jovens nações por um “lugar na cultura internacional” (Perrone-Moisés, 1997: 249).
- 13 Conforme salienta Grimoldi, a delimitação da identidade latino-americana se encontra frequentemente numa encruzilhada de critérios físico-continentais (extensão e continuidade territorial das nações), culturais (o passado de dominação colonial) e político-econômicos (papel desempenhado na divisão internacional do trabalho). Quaisquer sejam os critérios utilizados, como afirmou Perrone-Moisés (1997), a

subordinação econômica da América às nações do chamado *Norte Global* é insuficiente para justificar a homogeneidade cultural latino-americana. Se levarmos a sério a argumentação de Perrone-Moisés (1997), segundo a qual o ideal de unidade latino-americana frente “às potências hegemônicas, perfeitamente compreensível quando se trata de política e de economia, produz amálgamas e equívocos quando se trata de cultura e de literatura” (p. 251), as evocações à América Latina nos levam a repetir equívocos antropológicos comuns a intelectuais que se viram no mesmo dilema do *Mesmo* e do *Outro*: “a pretensão de uma cultura própria, isenta de toda contaminação estrangeira, e a concepção de uma América Latina uniforme, culturalmente homogênea” (Perrone-Moisés, 1997: 251).

- 14 O caminho seguido por alguns intelectuais e pesquisadores, sem negar a história de sujeição e violência que permeou os projetos coloniais europeus, tem sido o de recuperar o papel das *contaminações culturais*. No âmbito da história das ciências, Kapil Raj (2006, 2007), estudioso das conexões culturais e científicas na Índia entre os séculos XVII e XIX, também tem assumido tal postura em suas pesquisas. À diferença da concepção corrente de que a ciência, pura, é somente uma ferramenta histórica de dominação europeia do restante do mundo, Raj (2006, 2007) tem descrito a ciência ocidental como uma mistura de práticas que escapa aos limites da Europa. Essa perspectiva histórica, que corresponde a uma contestação da explicação linear da circulação do conhecimento, consiste também no reconhecimento de que a identidade do colonizador é tão *contaminada* quanto a dos colonizados.
- 15 Escrito por Denise Moura, o segundo texto do presente número da *Terra Brasilis* narra a história *contaminada*, ou *cruzada*, para utilizar o termo de Raj (2006, 2007), do mapeamento dos sertões do Brasil Meridional (1768-1774). Segundo a autora, que também se dedica à investigação de imagens cartográficas, mais especificamente os “desenhos de itinerário” feitos por um padre no reconhecimento de áreas no nordeste do atual estado do Paraná, os indígenas tiveram um papel fundamental na expansão e estabelecimento da fronteira meridional do Brasil colonial. Mais do que simplesmente informantes, Denise Moura elucida, a partir de traços iconográficos dos desenhos e dos diários que descreviam os itinerários das expedições de reconhecimento, a associação entre a imagem cartográfica e a cultura geográfica de grupos indígenas – principalmente do tronco linguístico-cultural Macro Jê.
- 16 O trabalho de Denise Moura possui duas palavras-chave que organizam sua argumentação: *desenho de itinerário* e *etnogeografia*. A primeira delas, o desenho de itinerário, é definida como um *gênero cartográfico*. Portanto, assim como outros gêneros cartográficos, a exemplo do *portulano* (Nogueira & Biasi, 2015) e dos *mapas alegóricos e satíricos* (Lois, 2019), os desenhos de itinerário compartilham um “conteúdo temático, um estilo iconográfico e uma arquitetura visual que os relaciona em parentesco” (Lois, 2019: s/p). Moura nota que, devido às condições de produção das imagens do recorte de sua pesquisa, normalmente feitas em campo por padres com conhecimentos cartográficos, os desenhos de itinerário estão impregnados de “etnogeografias” nativas. Para Claval (1997: 114), a etnogeografia é um convite à reflexão sobre a “diversidade dos sistemas de representação e de técnicas pelas quais os homens agem sobre o mundo (...) e modelam o espaço à função de seus valores e de suas aspirações”.
- 17 A essa definição de etnogeografia elaborada por Claval (1997), que pode ser encontrada em diversos trabalhos do autor (Claval & Singaravélou, 1995; Claval, 2015), assemelha-se um dos três domínios que correspondem ao qualificativo “geográfico” na obra

Quadros Geográficos (Gomes, 2017): a geografia como uma forma de inteligência. De igual modo, para Gomes (2017: 19), frequentemente se atribui o nome *geografia* ao “conjunto articulado de conhecimentos e comportamentos espaciais que são vividos e dão forma a esses grupos sociais. Alguns geógrafos denominam essas geografias como vernaculares”. Assim, mesmo que os desenhos de itinerário investigados por Moura estejam revestidos por uma carapaça de padrões científicos ocidentais, as imagens cartográficas também são derivadas da leitura feita pelos padres da maneira como os indígenas percorriam, usavam, ocupavam e concebiam aqueles espaços.

- 18 Recentemente, temos visto inúmeros pesquisadores, sobretudo em publicações de língua inglesa, dedicarem-se à investigação da história e filosofia da geografia produzida em países do chamado *Sul Global* – principalmente da América Latina. É o caso de Ferretti e Pedrosa (2018) narrando, a partir de fontes primárias depositadas no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), as redes acadêmicas transnacionais de Milton Santos e os contributos do referido geógrafo brasileiro às teorias críticas do desenvolvimento. Por sua vez, também no bojo de uma agenda de pesquisa descolonial, Davies (2019) traça uma história alternativa à crítica metabólica a partir da obra de Josué de Castro (1908-1973). Na perspectiva de Ferretti (2019a), o conhecimento produzido no *Sul Global*, ainda que não seja necessariamente progressista do ponto de vista político, compõe o movimento corrente de redescoberta de *outras tradições geográficas*.
- 19 Embora ainda seja fugidia e fluida, como reconhece Ferretti (2019a: 1), a noção de *outras tradições geográficas* está assentada numa base tripla: 1) reconhecimento das histórias de produção de geografias críticas, radicais, feministas, heterodoxas e anarquistas antes que tais definições fossem incorporadas aos cânones profissionais e disciplinares da ciência geográfica; 2) a inclusão de geografias do *Sul Global*, que, sem dúvida, apresentam desafios linguísticos e culturais à estrutura convencional (e dominante) da produção acadêmica anglofônica; 3) o florescimento de histórias da geografia escritas por estudiosos do *Sul Global* sobre intelectuais clássicos do *Norte Global*. Esse *olhar inverso*, do colonizado ao colonizador, é um exercício de narração das histórias da geografia segundo outros pontos de vista (Ferretti, 2019a). Sem negar o estudo e a redescoberta de *outras tradições geográficas*, talvez seja necessário rever as antigas tradições desde outros pontos de vista, como fez Denise Moura em seu artigo.
- 20 Apesar de não o fazerem explicitamente, Rodrigo Dutra-Gomes e Antônio Carlos Vitte, autores da terceira contribuição da seção de artigos gerais, corroboram a tendência de inversão do olhar colonial identificada por Ferretti (2019a, 2019b) nos estudos contemporâneos de história e filosofia da geografia. Dutra-Gomes e Vitte têm em Vincent Berdoulay (2003) uma referência metodológica central para verificar as razões históricas que “estão por trás da ‘demanda’ ou ‘uso’” (Berdoulay, 2003: 52) da ideia de “diferenciação de áreas” na geografia estadunidense do início do século XX – com destaque para a obra de Richard Hartshorne (1899-1992). Ainda que a *abordagem contextual* não tenha sido apropriada em sua inteireza, os autores apresentam, entre o esforço de guerra, as mudanças materiais do território estadunidense e a expansão universitária da geografia nos Estados Unidos, uma moldura para compreender “a conjunção da lógica interna e do conteúdo da ciência com o contexto no qual o cientista está situado” (Berdoulay, 2003: 52-53).
- 21 Mais adiante neste número, a íntima conexão entre o “local” e o “cosmopolita” explicita-se novamente em outra contribuição, a de Paula Bruno, que desenvolve uma

investigação sobre as vistas urbanas apresentadas nos salões de projeções ópticas de Buenos Aires na década de 1850. Sabemos como, por intermédio do mecanismo da lanterna mágica, imagens eram projetadas para fins de entretenimento nesses salões portenhos da segunda metade do século XIX. A ideia dos espetáculos de fantasmagorias, polioramas, dioramas, cosmoramas e vistas estereoscópicas, que teve lugar nos salões de Buenos Aires durante o período investigado por Bruno, era oriunda das cidades europeias, mas circulou e se transformou nas rotas latino-americanas. Enunciado o tema, indaga-nos a autora: “Quais artefatos tiveram lugar nestes salões e espetáculos? Qual o papel da imprensa como mediadora da modernidade cosmopolitana em Buenos Aires? Que tipo de imagens foram projetadas? Quem participou desses *shows*?”

- 22 A forma e o conteúdo das cenas exibidas em tais estabelecimentos de Buenos Aires não são tão fáceis de precisar, tão amplo era o espectro temático, tão vastas eram as estratégias de exibição e organização do comportamento do público nos salões de projeção. Há, segundo Bruno, referências a imagens de cidades, cenas de conflitos armados europeus e norte-americanos, além da narrativa de episódios bíblicos e mitológicos. Referindo-se às cenas estrangeiras, que compunham grande parte das exibições, a autora escreve: “os salões funcionavam como espaços que permitiam viagens imaginárias a territórios distantes. Está, portanto, ligada à genealogia do *Grand Tour*, tão difundida nos países da Europa Ocidental”. Nas cenas de conteúdo local, progressivamente incorporadas aos espetáculos dos salões, não se pode descartar sua conexão a um sentimento nacionalista.
- 23 Indiscutível, para Bruno, é a contribuição dos periódicos da época à divulgação dos espetáculos visuais nos salões de projeção. Ao abrigar tais eventos, nos salões, criam-se verdadeiros lugares centrais de sociabilidade e difusão da cultura visual urbano-cosmopolita na Buenos Aires oitocentista. Há, portanto, um emaranhamento *particular* das técnicas de projeção e das cenas projetadas, muitas vezes recebidas diretamente da Europa, com as condições de instalação, divulgação e manutenção dos espetáculos nos salões de Buenos Aires. Por mais puro que pareça à primeira vista, o simples deslocamento de um artefato, como há décadas discutido na antropologia e sociologia científicas (Latour & Woolgar, 1979; Latour, 1987), impõe mudanças à sua estrutura compósita. Em outras palavras, há incontáveis enredamentos de atores, humanos e não-humanos, responsáveis pela propagação dos espetáculos ópticos em Buenos Aires.
- 24 Há, ainda, outros dois artigos que apresentam investigações direta ou indiretamente pautadas em imagens – particularmente cartográficas. Em 2018, Cristina de Moraes apresentou um estudo da formação territorial do Oeste de Santa Catarina entre os anos de 1880 e 1940. Com esse estudo, sua tese de doutoramento, a autora utiliza o conceito de *fundo territorial* para analisar a formação do oeste catarinense. O artigo ora publicado, que se aprofunda na Questão da Zona de Palmas (ou das Missões), corresponde a uma parte da tese de Moraes (2018) sobre a formação territorial do Brasil no final do Segundo Reinado e início da República. Depois de apresentar um panorama histórico do litígio territorial durante o período colonial, a autora elabora uma análise do embate entre as políticas de fronteira, as estratégias de controle e as de expansão territorial dos Estados brasileiro e argentino na região catarinense. A pesquisa de Moraes trata os mapas dos litígios territoriais do oeste catarinense desde o ponto de vista da política toponímica.
- 25 Luis Ignacio de Lasa e María Teresa Luiz, apoiados em registros iconográficos, cartográficos e textuais integrados na “trama discursiva” dos mapas elaborados no

século XVI, indagam-nos acerca dos modos de produção do conhecimento espacial no início da *Era dos Descobrimentos* e da exploração do hemisfério sul. Para os autores, a cartografia renascentista tem um papel central na emergência de novas perguntas sobre a configuração continental do hemisfério sul e a existência de um *ecúmeno austral*. Desse modo, o debate científico sobre a imagem do mundo, sua composição territorial e habitabilidade, a base das cosmografias renascentistas, não se desvincula dos objetivos comerciais e da necessidade de expansão dos reinos ibéricos.

* * *

- 26 Em Machado de Assis (2013 [1873]), vimos que a criação literária [artística e científica], conquanto tematize temas locais, é uma expressão universal. O escritor, sintetiza o literato carioca, deve ter “certo sentimento íntimo, que o torne homem do seu tempo e do seu país, ainda que trate de assuntos remotos no tempo e no espaço” (Assis, 2013 [1873]: 432-433). Segundo a interpretação das lições *machadianas* proposta por Wehling (2019), “[sabemos que] a hegemonia do local gera um provincianismo limitador. Que a hegemonia do nacional gera a xenofobia e um reducionismo atrofiador sobre o local. Que a hegemonia global pode provocar uma pasteurização e a diluição das diferenças” (p. 11). Sem entrar nos detalhes do que é considerado *local*, *nacional* e *global*, tarefa demasiado infrutífera aos propósitos deste editorial, Wehling (2019) conduziu-nos à questão da língua – que, segundo o autor, era um elemento central à defesa da unidade territorial, autoidentidade e consciência histórica das nações no século XIX.
- 27 Desloquemos nossa atenção, no entanto, da relevância da língua no nacionalismo romântico para uma questão contemporânea e aparentemente trivial: a tradução de textos. Guilherme Ribeiro, em continuidade à série de traduções de Paul Vidal de la Blache, traz a lume uma versão em português da conferência *Sur l'esprit géographique*, proferida pelo mestre francês na Universidade de Paris em 1914 e publicada na *Revue politique et littéraire*. Fiel a princípios da geografia enunciados em outros textos, como o da unidade terrestre (Vidal de la Blache, 1896), pergunta-nos Vidal de la Blache se há um “estado de espírito recomendado” aos que cultivam e ensinam a geografia. O autor argumenta que, quando desejamos criar hábitos de pensamento, um conjunto de métodos deve ser seguido na pesquisa e no ensino geográfico – de crianças e adultos. Munido de certos hábitos, como o de restituir os fenômenos às localidades onde foram engendrados, o professor ou pesquisador reafirmará o compromisso da geografia com a apresentação do mundo (Gomes, 1996).
- 28 Em inglês, o vocábulo *translation* congrega ao menos dois significados; no primeiro, a palavra é utilizada para designar o processo de transferência de um texto para outro idioma; em segundo lugar, o termo é frequentemente usado para descrever o processo de mudança de algo de um lugar para outro. Depois de anos atuando como tradutor, Guilherme Ribeiro reconhece, na experiência de deslocamento linguístico (ou de tradução, diríamos conforme o vocábulo inglês), a exposição dos textos a uma nova conjuntura político-epistemológica. Há quem julgue, num primeiro momento, que a tradução é um vestígio do sucesso posterior de uma publicação. É possível que a interrogação colocada seja essa. No entanto, para aquele que utiliza a tradução como fonte histórica, é razoável questionar-se de modo mais complexo acerca da relevância das traduções na história da geografia, em particular, e das ciências, em geral.
- 29 Decerto, se versado nos estudos científicos após a chamada *spatial turn*, um pesquisador reconheceria nas traduções uma fonte inesgotável para a análise da implicação das circunstâncias locais na produção dos significados. A ausência de uma tradução

linguística, no entanto, não limita os potenciais estudos em história da geografia. Vejamos um exemplo recente e elucidativo. Num painel da *Annual International Conference da Royal Geographical Society (with Institute of British Geographers)*, em 2017, diversos pesquisadores se reuniram para refletir sobre as teses, lacunas e legados do livro *The Geographical Tradition*, escrito por David Livingstone e publicado no início dos anos 1990 (Boyle *et al.*, 2019). Em uma das contribuições, Ferretti (2019c) realiza uma investigação das viagens transnacionais do livro de Livingstone (1992), ou seja, da recepção da obra nas tradições geográficas de outros idiomas – francês, português, espanhol e italiano.

- 30 Embora o livro de Livingstone (1992) não tenha sido traduzido, e apesar de somente pouco mais de 10% das suas citações no *Google Acadêmico* serem oriundas de trabalhos em francês, português, espanhol e italiano, Ferretti (2019c) identifica uma ampla variedade de apropriações da obra na Europa Continental e na América Latina. No decorrer dos anos desde sua publicação, o livro, que serviu às mais diversas agendas políticas e acadêmicas, teve seu conteúdo recriado à mesma medida de seu deslocamento linguístico-cultural (Ferretti, 2019c). Mais que isso, se considerarmos o imbricamento essencial da língua com as formas de pensamento, conclusão a que chegaram incontáveis psicólogos no século XX (e não somente nele), a realocação cultural de um texto por intermédio da tradução não é matéria tão simples. Abre-se, assim, uma potencial agenda investigativa para os historiadores da geografia no Brasil.
- 31 Nas páginas do conhecido artigo de Matthew Edney (1993 [2011]), publicado no periódico *Cartographica: The International Journal for Geographic Information and Geovisualization*, lê-se uma crítica constante e feroz à escrita da história do mapeamento sob moldes positivistas, tal como aquela da definição introdutória de Crone (1953) em *Maps and Their Makers: An Introduction to the History of Cartography*: “a história da cartografia é amplamente a do aumento da precisão com que esses elementos de distância e direção são determinados e na abrangência do conteúdo do mapa. Neste desenvolvimento, a cartografia tem convocado outras ciências em seu auxílio” (p. xi, tradução livre). No mesmo artigo, Edney (1993 [2011]), ao criticar o modelo narrativo linear e progressivo recorrente na história da cartografia, explora uma proposta filosófica e metodológica alternativa para a escrita histórica do mapeamento. Ao invés de contar uma história evolutiva, na qual a tecnologia funciona como um incremento na precisão da forma cartográfica, o autor propõe a compreensão da história do mapeamento como a síntese de relações sociais, culturais e tecnológicas.
- 32 O questionamento crescente da linearidade narrativa na história da cartografia, desde então, tem alimentando a criatividade de pesquisadores em diversos lugares do mundo. A monografia de André Novaes, publicada no primeiro número da série *Map History* da editora holandesa *Brill* em 2019, é ilustrativa das trilhas abertas pela concepção de história do mapeamento esboçada e desenvolvida por Edney (1993 [2011], 2019). Tal monografia, intitulada *Maps in Newspaper: Approaches to Study and Practices in Portraying War since the 19th Century* (Novaes, 2019), constitui-se numa interpretação original da produção dos mapas na imprensa a partir de três exemplos: Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a Guerra às Drogas nas favelas do Rio de Janeiro (1994-2010). Como argumenta Carla Sales, em resenha ora publicada na *Terra Brasilis*, o trabalho de Novaes (2019) sobre os mapas na imprensa, longe de ser um arrazoado cronológico, apresenta-os como a combinação diferenciada de instituições de

mídia, técnicas, tecnologias e dos discursos e práticas de outros atores sociais ao longo do tempo.

- 33 Segundo a interpretação de Novaes (2019), há, também no Brasil, um laço histórico e visceral entre situações beligerantes e a produção ou publicação de mapas na imprensa – fato constatado por autores que investigam a conexão entre cartografia e guerra em outros países (Heffernan, 1996; Vujakovic, 2002; Cosgrove & della Dora, 2005). Por sorte, na seção “Documentos, mapas e imagens” deste mesmo número da *Terra Brasilis*, André Novaes narra com um pouco mais de detalhes a história de um dos exemplos de sua monografia: a Guerra da Tríplice Aliança, também conhecida no Brasil como Guerra do Paraguai. No momento em que fazia o levantamento de mapas sobre o referido conflito armado num arquivo, Novaes encontra, na revista *Semana Illustrada*, o anúncio da publicação do mapa elaborado pelo Capitão de Engenheiros Conrado Jacob de Niemeyer⁷ e publicado pelo Imperial Instituto Artístico (Rio de Janeiro) em setembro de 1867.
- 34 A *Semana Illustrada*, primeira revista carioca de caricaturas e variedades com tiragem regular, circulou no Império do Brasil durante 16 anos (1860-1876). Fundada pelo artista prussiano Henrique Fleiuss (1824-1882), a *Semana Illustrada* publicava, em suas oito páginas semanais, textos e imagens satíricos. Além de criador da *Semana*, Henrique Fleiuss – em conjunto com Karl Fleiuss (?-1878), seu irmão, e Karl Linde (1830-1873) – fundou uma empresa litotipográfica chamada *Fleiuss, Irmãos & Linde* em 1859 e, dois anos depois, o Instituto Artístico. Graças a um título honorífico concedido, em decreto, por Dom Pedro II, o Instituto Artístico passou a ser denominado Imperial Instituto Artístico – justamente a casa litotipográfica responsável pela impressão e comercialização do mapa elaborado por Conrado Jacob de Niemeyer.
- 35 O mapa, intitulado *Uma idéa das posições que occupão os beligerantes no Paraguay*, que também continha um perfil das fortificações e do armamento das forças brasileiras e paraguaias, estava à venda na Tipografia do Imperial Instituto Artístico, no Largo de São Francisco, por mil réis. Para Novaes, o anúncio desse mapa em um periódico dominical de grande circulação indica a “emergência de uma nova cultura visual na capital brasileira durante a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai (1864-1870)”. No mesmo número da *Semana Illustrada* que anunciava o mapa, em 1867, havia uma imagem do Capitão Conrado Jacob de Niemeyer com a seguinte legenda: “Por diversas vezes [o Capitão] foi encarregado de, *por meio de balão*, fazer reconhecimentos militares”. Aqui, deparamo-nos com mais um ator: o aeróstato para reconhecimento militar. O balão, em conjunto com a rede telegráfica, que fora representada por Niemeyer no mapa, compunha o instrumental técnico necessário à produção de visualidades sobre o campo de batalha e seus personagens durante a guerra.
- 36 De acordo com Novaes, as imagens produzidas pelos engenheiros-militares não se limitavam ao campo de batalha e ao planejamento das ações de guerra, mas, ao sintetizarem informações, atendiam à demanda crescente das populações da Corte por imagens da Guerra da Tríplice Aliança. Durante a Guerra do Paraguai, a *Semana Illustrada* teve “Joaquim José Inácio, futuro visconde de Inhaúma, Antônio Luís von Hoonholtz, futuro barão de Tefé, e Alfredo d’Escragolle Taunay” (Sodré, 1999: 205) como correspondentes, que remetiam ao Rio de Janeiro croquis, desenhos e outras informações diretamente do campo. À primeira vista, o repertório de imagens da *Semana Illustrada* parece não trazer nada de novo. Eis que, quando vistas em conjunto ao longo dos números, é possível constatar a existência de uma sistemática cobertura

jornalística da Guerra do Paraguai, ora na série de retratos dos heróis de guerra, ora no anúncio ou publicação de mapas e croquis.

- 37 Para os historiadores da cartografia inspirados em Edney (1993 [2011]), é mais significativa a maneira pela qual o investigador maneja a trama de atores de natureza diversa – periódico semanal ilustrado, mapa, balão, engenheiro – para contar uma história possível do que a narrativa factual, linear e progressiva pautada na aquisição de precisão matemática das imagens cartográficas. A história narrada por Novaes (2019) contrapõe-se, em diversos aspectos, à já tão rechaçada concepção de que a ciência metropolitana, ao aportar nas periferias colonizadas, manifesta desconcertos sociais e se corrompe. Depreende-se, pelo contrário, que a história da ciência é repleta de “curtos-circuitos originais que [abrem] às velhas formas possibilidades de desenvolvimento abandonadas ou nunca exploradas” (Perrone-Moisés, 1997: 253).
- 38 Com bastante frequência, historiadores e filósofos da ciência fazem alusão a uma distinção comum entre ciências e humanidades: enquanto os cientistas se empenham em consumir o passado e cultivar o esquecimento para suas especialidades crescerem continuamente, os humanistas preservam a memória e, por meio das artes da interpretação (hermenêutica) e da memória (*ars memorativa*), reanimam os textos e a produção intelectual dos seus predecessores (Kuhn, 1980; Daston, 2012). Em poucas palavras, o objeto das ciências não se confunde com o objeto da história das ciências, como já havia notado Canguilhem (1968) em seu esforço de diferenciá-los.
- 39 Essa tipologia de intelectuais, tal como esboçada acima, opõe dois modos de engajamento com o passado das ciências, dois modos de fixar a memória. Em primeiro lugar, o passado dos cientistas – que, apesar de definirem um panteão de intelectuais fundadores, raramente envolvem o suposto legado histórico de suas ciências na prática heurística. Os proclamados fundadores frequentemente são homenageados e rememorados, mas raramente participam de novas descobertas no bojo das “ciências práticas” (Daston, 2012). Outra característica relevante da fixação da memória pelos cientistas reside na elaboração, às vezes incidental, de manuais científicos e outros tipos de materiais pedagógicos. A fixação da memória, nesse último caso, adquire contorno em histórias que servem à elucidação de conceitos, ao estabelecimento de tradições e para atrair os estudantes (Kuhn, 2011 [1968]: 128).
- 40 O segundo modo, no qual estão circunscritos os humanistas, é estabelecido pelos “guardiões da memória” (Daston, 2012). Em franco contraste com os cientistas, os humanistas se engajam com a leitura, interpretação, citação e comentários críticos àqueles que, segundo um determinado juízo, compõem o legado histórico de uma matéria em questão. Ainda que tenha sido historiada (Rossi, 1992; Kuhn, 2011 [1968]; Daston, 2012), e tenha também servido à história das ciências (subcampo) como uma estratégia de legitimação institucional na academia estadunidense no início do século XX, a cisão entre os modos de fixação da memória de cientistas e humanistas provavelmente resiste a um escrutínio detalhado. Ao descrever, sem pretensão de esgotamento, a organização de instituições de pesquisa científica do século XIX na Europa e na América do Norte, Daston (2012) constata que as bibliotecas, ao invés de estarem apartadas dos outros espaços de produção científica, faziam parte diretamente da estrutura organizacional da prática dos cientistas deste período. Os cientistas, segundo a autora, também liam livros – livros novos e livros antigos.
- 41 Se partíssemos do pressuposto de que os cientistas não são guardiões da memória, ou de que são menos habilitados que outrem para tal, os geógrafos e praticamente todos os

demais cientistas dependeriam de um quadro especializado de humanistas para manter a memória das ciências (se isso fosse desejável). Mesmo que saibamos da longevidade histórica das artes da memória e da memorialização (Yates, 2007 [1966]), a história das ciências, ao menos no atual âmbito universitário, é uma das guardiãs de seu legado textual. Há, além dos historiadores das ciências em sentido amplo, os historiadores especializados em campos ou subcampos científicos, como a história da geografia.

- 42 Interpretada, como já foi observado, não como uma demanda estrangeira pelo *outro* e pelo *exótico*, a necessidade de redescobrir outras tradições geográficas e suas histórias é premente e fundamental para diversificar a ciência geográfica. Para nós, acadêmicos e “guardiões contemporâneos” da memória científica dos países de passado colonial, haverá sempre “uma tensão de base: nossa relação com o Velho Mundo que nos invadiu no século XVI, com o colonizador que nos explorou, e agora com o Primeiro Mundo que nos mantém em situação de dependência” (Perrone-Moisés, 1997: 256). Desse ponto de vista, a identidade da *América Latina*, do *Terceiro Mundo*, do *Sul Global* ou de qualquer outra entidade geográfica não é simplesmente antitética a um contraponto supostamente puro – *Primeiro Mundo* e *Norte Global*, por exemplo. A *Terra Brasilis* 12 é um convite aos leitores à reflexão sobre a angústia do encontro colonial e, ao mesmo tempo, à necessidade de identificar um caminho alternativo entre os riscos do provincianismo da cor local e do mimetismo submisso ao estrangeiro. Tal dilema não é novidade dos nossos dias. A saída, se existe, não é banal.

BIBLIOGRAFIA

- Arroyo, Mônica (2005). “Documento: X Encontro de Geógrafos da América Latina. Por uma Geografia Latino-Americana. Do Labirinto da Solidão ao Espaço da Solidariedade”. *Brazilian Journal of Latin American Studies*, v. 4, n. 6, pp. 119-123.
- Assis, Machado de (2013 [1873]). “Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de Nacionalidade”. In: Azevedo, Sílvia Maria; Dusilek, Adriana; Callipo, Daniela Mantarro (Orgs.). *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Editora UNESP, pp. 429-442.
- Berdoulay, Vincent (2003). “A abordagem contextual”. *Espaço e Cultura*, UERJ, Rio de Janeiro, n. 16, pp. 47-56.
- Borges, Jorge Luis (1957). “El escritor argentino y la tradición”. In: Borges, Jorge Luis. *Discusión. Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé, pp. 151-162.
- Boyle, Mark; Hall, Tim; Sidaway, James (2019). “Reappraising David Livingstone's The Geographical Tradition: A quarter of a century on”. *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 44, n. 3, pp. 438-443.
- Canguilhem, Georges. L'Histoire des Sciences dans l'Œuvre Épistémologique de Gaston Bachelard. In: Canguilhem, Georges. *Études d'Histoire et de Philosophie des Sciences*. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1968.

- Claval, Paul (1997). "As abordagens da geografia cultural". In: Castro, Iná Elias de; Gomes, Paulo Cesar da Costa; Corrêa, Roberto Lobato (Orgs.). *Explorações geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, pp. 89-117.
- Claval, Paul (2015). *Terra dos Homens. A Geografia*. 1. ed., 2. reimp. São Paulo: Editora Contexto.
- Claval, Paul; Singaravélou (1995). *Étnogéographies*. Paris: L'Harmattan, 1995.
- Cosgrove, Denis; della Dora, Veronica (2005). "Mapping Global War: Los Angeles, the Pacific, and Charles Owens's Pictorial Cartography". *Annals of the Association of American Geographers*, v. 95, n. 2, pp. 373-390.
- Crone (1953). *Maps and Their Makers: An Introduction to the History of Cartography*. London, New York: Hutchinson's University Library.
- Daston, Lorraine. "The sciences of the archive". *Osiris*, v. 27, n. 1, 2012, p. 156-187.
- Davies, Archie (2019). "Unwrapping the OXO Cube: Josué de Castro and the Intellectual History of Metabolism". *Annals of the American Association of Geographers*, v. 109, n. 3, pp. 837-856.
- Edney, Matthew (1993 [2011]). "Cartography Without 'Progress': Reinterpreting the Nature and Historical Development of Map Making". In: Dodge, Martin; Kitchin, Rob; Perkins, Chris. *The Map Reader. Theories of Mapping Practice and Cartographic Representation*. New Jersey: John Wiley & Sons, pp. 73-82.
- Edney, Matthew (2019). *Cartography: The Ideal and Its History*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Ferretti, Federico (2019a). "Rediscovering other geographical traditions". *Geography Compass*, v. 13, n. 3, pp. 1-15.
- Ferretti, Federico (2019b). "History and philosophy of geography I: Decolonising the discipline, diversifying archives and historicising radicalism". *Progress in Human Geography*, December 2019, *Online First*, pp. 1-11.
- Ferretti, Federico (2019c). "The Geographical Tradition on the move: The transnational travels of a classic". *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 44, n. 3, pp. 447-449.
- Ferretti, Federico; Pedrosa, Breno (2018). "Inventing critical development: A Brazilian geographer and his Northern networks". *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 43, n. 4, pp. 703-717.
- Gomes, Paulo Cesar da Costa (1996). *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Gomes, Paulo Cesar da Costa (2017). *Quadros Geográficos: Uma forma de ver, uma forma de pensar*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Gomes, Rafael Augusto Andrade (2019). "Entre imagens, ações e imaginações geográficas. Mudanças editoriais e temas do número". *Terra Brasilis*, Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, n. 11, s/p.
- Heffernan, Michael (1996). "Geography, Cartography and Military Intelligence: The Royal Geographical Society and the First World War". *Transactions of the Institute of British Geographers*, v. 21, n. 3, pp. 504-533.
- Kuhn, Thomas. "The Halt and the Blind: Philosophy and History of Science". *The British Journal for the Philosophy of Science*, v. 31, n. 2, 1980, pp. 181-192.
- Kuhn, Thomas. *A Tensão Essencial*. São Paulo: Editora UNESP, 2011 [1968].

- Latour, Bruno (1987). *Science in Action. How to Follow Scientists and Engineers through society*. Massachusetts: Harvard University Press.
- Latour, Bruno; Woolgar, Steve (1979). *Laboratory life: the construction of scientific facts*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- Lemos, Amália Inés Geraiges de (2018). “Em busca de uma Geografia Latino-Americana Crítica ou por uma Geografia Mestiça”. *Boletim Paulista de Geografia*,
- Livingstone, David (1992). *The Geographical Tradition*. Cambridge, MA: Blackwell's.
- Lois, Carla (2015). “El mapa como metáfora o la espacialización del pensamiento”. *Terra Brasilis*, Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, n. 6, s/p.
- Lois, Carla (2019). “¿Bromas cartográficas? Los mapas alegóricos y satíricos como un modus scribendi para la crítica social”. *Terra Brasilis*, Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, n. 11, s/p.
- Moraes, Cristina de (2018). *Uma velha moldura habitada por silêncios, um fundo territorial e seis verbos para integrar: a formação territorial do Oeste catarinense (1880/1940)*. 368f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro.
- Nogueira, Magali Gomes; Biasi, Mario de (2015). “Fontes e técnicas da cartografia medieval portulano”. *Terra Brasilis*, Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica, n. 4, s/p.
- Novaes, André (2019). *Maps in Newspaper: Approaches to Study and Practices in Portraying War since the 19th Century*. Map History, issue 1.1. Leiden/Boston: Brill.
- Perrone-Moisés, Leyla (1997). “Paradoxos do nacionalismo literário na América Latina”. *Estudos Avançados*, v. 11, n. 30, pp. 245-259.
- Raj, Kapil (2006). *Relocating Modern Science: Circulation and the Construction of Scientific Knowledge in South Asia and Europe, 1650-1900*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Raj, Kapil (2007). “Conexões, cruzamentos, circulações”. *Cultura*, v. 24, 2007, pp. 155-179.
- Ribeiro, Darcy (1986). *América Latina: a pátria grande*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Rossi, Paolo. *Os sinais do tempo. História da Terra e história das nações de Hooke a Vico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- Sarlo, Beatriz (1995). *Borges, um escritor en las orillas*. Buenos Aires: Ariel, 1995.
- Sodré, Nelson Werneck (1999). *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- Vidal de la Blache, Paul (1896). “Le principe de la géographie générale”. *Annales de géographie*, t. 5, n. 20, pp. 129-142.
- Vujakovic, Peter (2002). “Mapping the War Zone: cartography, geopolitics and security discourse in the UK press”. *Journalism Studies*, v. 3, n. 2, pp. 187-202.
- Wehling, Arno (2019). “A Academia Brasileira de Letras e a cultura brasileira”. *Revista Brasileira*, fase IX, ano II, n. 100, pp. 9-14.
- Yates, Frances. *A arte da memória*. Campinas: Editora UNICAMP, 2007 [1966].

NOTAS

1. O curso de graduação em geografia da Universidade Federal Fluminense de Campos dos Goytacazes, nas modalidades bacharelado e licenciatura, iniciou suas atividades no segundo semestre do ano de 2009.
 2. Para mais informações sobre o histórico de atividades do GEOHISTÓRICA, vide o seguinte endereço *online*: <<https://geohistorica.wordpress.com/>>.
 3. Entre suplentes e titulares, o grupo de trabalho de “História da Geografia” foi coordenado pelos professores André Reyes Novaes, Guilherme da Silva Ribeiro, Rita de Cássia Martins de Souza e Sergio Nunes Pereira; o grupo de trabalho sobre “Geografia Histórica”, por sua vez, teve a coordenação de Doralice Sátyro Maia, José de Aldemir de Oliveira, Marcelo Werner da Silva, Eneida Maria Souza Mendonça e Maria Isabel de Jesus Chrysostomo.
 4. Uma das mesas do XIII ENANPEGE recebeu a rubrica “Geografias Latino-Americanas”, foi coordenada por Amalia Inés Geraiges de Lemos e composta por Carla Eleonora Pedrazzani, José Omar Moncada Maya e Everaldo Batista Costa.
 5. Esta expressão, na obra de Jorge Luis Borges, designa mais do que simplesmente uma “margem” ou um “arrabalde”. Vide Sarlo (1995) para mais detalhes.
 6. Termo espanhol utilizado para designar um estabelecimento rural e unidade produtiva, geralmente destinado à criação de gado bovino, característico da porção meridional da América do Sul.
 7. O nome deste militar, político e engenheiro brasileiro também é grafado como “Conrado Jacó de Niemeyer”.
-

AUTOR

RAFAEL AUGUSTO ANDRADE GOMES

Editor Adjunto da *Terra Brasilis*

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro

E-mail: rafagomesgeo@gmail.com